

## A PALAVRA “DOMÍNIO” NO TEXTO SACERDOTAL DA CRIAÇÃO

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira\**

**Resumo:** O texto sacerdotal da criação, Gn 1,2-4<sup>a</sup>, contém um dos pontos centrais da indicação de um antropocentrismo responsável pela degradação ambiental, com a utilização da palavra “domínio”. Apresentamos estudos de especialistas sobre o texto (Von Rad, Martin Noth, Lohfink, Fung, Briend, Caetano) e colocamos em questão se a crítica ao mesmo é pertinente ou não.

**Palavras-chave:** sacerdotal; domínio; submeter; escravidão; Criação.

**Abstract:** The priestly text of Creation, Gn 1,2-4<sup>a</sup>, has one of the central points of indication of one anthropocentrism responsible for degradation environmental, with its use of the word “domination”. We show specialist’s researchs about this text (Von Rad, Martin Noth, Lohfink, Fung, Briend, Caetano) and put the question if the critical is validity or not.

**Keywords:** Priest; domination; submit; Slavery; Creation.

### Introdução

A crítica ao cristianismo diante do problema ecológico está relacionada à compreensão do texto do Hino da Criação, particularmente da palavra “domínio”, no Gn 1,28.<sup>1</sup> A palavra pode implicar numa visão antropocêntrica, interpretada posteriormente como possibilidade de abuso da utilização dos recursos naturais. Analisemos se a crítica é contundente ou não. Para isso, seguimos o caminho de análise do tripé: estudo do texto; contexto vital; hermenêutica. Dentro do estudo fazemos emergir algumas questões sobre a relação da teologia da criação com a teologia da libertação.

---

<sup>1</sup> Temos no início do Gênesis duas narrativas da criação: o texto do código sacerdotal (P, do alemão ‘Priesterkodex’) – Gn 1-2,4<sup>a</sup>; e o texto javista – Gn 2,4b-25. O último, mais antigo, foi escrito pelo período do reinado de Salomão, enquanto o texto sacerdotal já é do período do exílio. Sobre uma análise mais detalhada do texto sacerdotal, ver: Caetano Minette de TILLESSE. Hino da criação. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 7-39, 1984.

## Crítica textual - A palavra “submeter”

A palavra “submeter” o mundo, no hebraico “kabash”, vem interpretada no sentido etimológico, como “por o pé sobre qualquer coisa”, em referência ao inimigo significa dominar com força.<sup>2</sup>

Em relação a terra poderia significar “entrar nessa”, a terra viria a ser um local onde se poderia habitar e utilizar para o pastoreio.<sup>3</sup>

Segundo Martin Noth e a maior parte dos exegetas atuais, com a morte de Moisés encerra-se a tradição sacerdotal. É possível pensar que depois da conclusão pode ter resistido em uma série de fragmentos (Js 4,19; 5,10-12; 14,1s; 18,1; 19,51). Dentre os textos o que mais chama atenção é Jos 18,1c: “A terra toda estava submissa diante deles”. É como se fosse aqui a conclusão do texto sacerdotal. É o mesmo verbo submeter – “kabash” do texto do Hino da Criação. Esta palavra, depois do Hino da Criação, não é mais utilizada, a não ser neste texto de Josué. A submissão não era para toda a humanidade, mas para Israel.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo que no texto de Josué indica uma submissão como fruto de guerras, a tradição sacerdotal parece ter algo em peculiar sobre o assunto. A história sacerdotal vem de uma concepção social baseada em que a guerra podia ser banida da vida humana. Neste sentido, Lohfink segue um pensamento que o sacerdotal faria referência a conquista, porém omitindo todas as ações militares. Poderíamos pensar aqui em uma possibilidade de submissão que não fosse mesmo num vetor de pura violência.<sup>5</sup>

Encontramos a palavra também em :

Nm 32,22: “... quando a terra estiver submetida a lahweh ...” (segundo J. Briend, este texto é da tradição eloísta).<sup>6</sup>

2Sm 8,11: “o rei Davi os consagrou também a lahweh, com a prata e o ouro provenientes de todas as nações que tinha subjugado ...”

Jr 34,11: “Depois disso, porém, voltaram atrás e retomaram os escravos e escravas que tinham libertado, e os reduziram novamente a escravos e escravas.”

---

<sup>2</sup> K. GOLSER. Fondazione dell'etica dell'ambiente. **Medicina e Morale**, Fortaleza, v. 1, n.1, p. 179-200, aqui 185, gennaio/febbraio 2005.

<sup>3</sup> *Idem*.

<sup>4</sup> Esta opinião de Norbert LOHFINK. *Il Dio della Bibbia e la Violenza*. Brescia: Morcelliana, 1985 difere de K. GOLSER. *op. cit.*, 185, que considera que os textos do Gn 1-3 são considerações válidas não só para Israel, mas para toda a humanidade.

<sup>5</sup> N. LOHFINK. *op. cit.*, 100.

<sup>6</sup> J. BRIEND. *Uma leitura do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 1980, 50.

Zc 9,15a: “Iahweh dos Exércitos os protegerá, eles o devorarão e calçarão aos pés de pedra de arremessar ...”

Os textos indicam o uso de “submeter” sempre em uma relação de domínio sobre outro povo, e mesmo a terra aqui significa dominar os outros povos, suas terras. A conotação da palavra não tem tanto a dimensão positiva.

### **A palavra “dominar”**

A palavra “dominar” está expressa no texto hebraico como “radu”.

Clauss Westermann apresenta o significado do verbo como “usado particularmente para o papel do rei”.<sup>7</sup> Neste sentido não se teria uma perspectiva de exploração da natureza, porque o rei tem a responsabilidade de promover a prosperidade do seu reino. O homem é o rei da criação, vigário, representante e imagem de Deus na terra.<sup>8</sup>

Vejamos a palavra dentro de outros textos bíblicos:

1Rs 5,4 – “Salomão estendeu os seus domínios sobre todos os reinos.”

Lv 25,43 – “Não o dominarás com tirania, mas terás o temor de teu Deus.”

1Rs 5,4a – “Pois ele dominava sobre toda a região da Transeufratênia ...”

Ez 34,4 – “antes dominais sobre elas com dureza e violência.”

Is 14,2b – A casa de Israel os submeterá na terra de Yahweh, fazendo deles servos e servas.”

Is 41,2b – “a quem entrega as nações e sujeita os reis?”

Ezequiel 29,15b – “eu o reduzirei a um pequeno número, para que não volte a dominar sobre outras nações”.

Os textos indicam que “radu” pode significar, conforme os contextos: conquistar e fazer escravos; dominar sobre outros reis, sobre regiões; pisar pesadamente, esmagar. A palavra “dominar” tem conotações negativas, mas ao mesmo tempo encontramos as indicações que o domínio pode ser exercido sem tirania e com o temor de Deus. Domínio não seria assim sempre de uma forma negativa, de poder

---

<sup>7</sup> Claus WESTERMANN. *Genesis*. Eerdmans: Grand Rapids 1987,11, cit. em: Terence KENNEDY. “Veni, Creator Spiritus”: the conservation of the created cosmos. *Studia Moralia*, Roma, v. XXXVI, n.2, pp. 421-439, aqui 437, march 1998.

<sup>8</sup> Terence KENNEDY. *op. cit.*, 437; Caetano Minette de TILESSE. *op. cit.*, 37.

abusar dos recursos naturais, mas também de forma positiva: cuidar da terra em que entramos.

O significado depende dos diferentes contextos: conquista, papel do rei, relação dos sacerdotes com o povo e de Deus com o povo.<sup>9</sup>

No conjunto do Hino da Criação, vemos que o texto fundamenta a importância do sábado: o repouso hebdomadário; o ano sabático; e o ano do jubileu (Lv 25,10; Lc 4,19).<sup>10</sup> Dentro da tradição do ano do jubileu, vemos explícita atenção para com a terra. Ela merece também repouso na sua produção e não pode, assim, ser vista apenas como um local de produção. O repouso da terra transcendente às questões que hoje poderíamos considerar dentro do circuito ecológico.

### **Sitz im leben**

Os textos da tradição P são considerados os mais característicos e autoconscientes dentre os da hipótese literária. É uma coleção de tradições judaicas e jerusalimitas, marcada pela hegemonia político-religiosa dada a Jerusalém.<sup>11</sup>

O exame do texto de Gn 1,28 contém o cerne da tradição sacerdotal. Tem suas raízes ao redor do ano 1.000 a.C., embora tenha sido escrito pelo período do exílio.<sup>12</sup> Deus reivindica a soberania sobre toda a criação, que ele retira do caos. Os verbos utilizados expressam uma refutação da situação vivenciada no exílio:

- reproduzi-vos	Ser estéril
- multiplicai-vos	Não ter herdeiro
- povoai a terra	Ser desapossado
- submetei	Ser escravizado
- dominai	Ser dominado

Marcados pelo exílio, os redatores de P promovem uma utopia, lançando no passado algo que querem viver no amanhã. Será que na utopia de P deixará de haver escravos, dominados? O fato de indicar o sábado – שבת – como momento de repouso, há um indicativo de que não

<sup>9</sup> Jojo M. FUNG. *Dominion of co-creators*. em: *East Asian Pastoral Review*, vol 37, n. 4, 2000. Disponível em: <http://eapi.admu.edu.ph/eapr00/jojo.htm>.

<sup>10</sup> C. M. TILESSE, *op. cit.*, 13; JOÃO PAULO II. *Tertio Millennio Adveniente* (10.11.1994): AAS 87 (1995) 5-41.

<sup>11</sup> G. VON RAD. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973, 95-99.

<sup>12</sup> Cf. C. M. TILESSE. *op. cit.*, 18.

existia o desejo de legitimar a corveia; a pessoa assim não seria só para produzir, mas teria tempo para o repouso e suas implicações.<sup>13</sup>

O texto apresenta uma visão antropológica, não pretende tanto explicar como apareceu o universo, mas situar o local do homem no cosmos. Tudo foi criado num plano de amor, convergindo para o homem e para a mulher.

A antropologia babilônica explicita, em *Enuma Elish* ("Quando no princípio", 2.600 a.C.), que o homem vivia para pagar o pecado dos deuses. As enchentes do Tigre e Eufrates eram como grandes castigos que os "cabeças pretas" estavam destinados a pagar no lugar dos deuses vencidos. A vida era fruto do acaso e era uma desgraça. Ao contrário da visão do Hino da Criação, em que o homem e a mulher não são frutos do acaso, mas ocupam um lugar especial na criação.

### **Hermenêutica**

Segundo Antônio Moser, o problema em relação à palavra "domínio" está não necessariamente na questão da linguagem, mas no tipo de mentalidade da dominação existente do modo de produção. "Os problemas de linguagem são facilmente contornados através de uma adequada exegese".<sup>14</sup> Pensamos que uma adequada exegese não resolve o assunto, porque a exegese indica que a palavra tem raízes para uma postura agressiva para com a natureza.

Leonardo Boff tornou-se um estudioso da ecologia. Na sua obra *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade* dedica-se à compreensão e implicação dos textos da criação na Bíblia. Considera que uma coisa é o sentido na Bíblia, outra é a interpretação dados em outros contextos culturais. As palavras "submetei" e "dominai" não devem ser consideradas num sentido despótico, mas considerando o ser humano também criador. O sentido seria mais esclarecido com o texto javista da criação, no qual Deus é apresentado como jardineiro e o homem é para cultivar e guardar o jardim. (Gn 2,8.15).<sup>15</sup> Em outro momento, sem analisar as suas bases filosóficas e teológicas, coloca de forma categórica: "Qualquer antropocentrismo está fora de lugar", "somos cosmos-e-Terra-centrados".<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> J. BRIEND. *op. cit.*, 78.

<sup>14</sup> Antônio MOSER. *Biotecnologia e Bioética. Para onde vamos?* Petrópolis: Vozes, 2004, 268.

<sup>15</sup> Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993, 46-47.

<sup>16</sup> *Idem*. *Civilização Planetária – desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 55.

A hermenêutica das palavras na modernidade foi marcada pela visão de Descartes e Bacon, sendo o homem um dominador e escravizador das forças da natureza para o benefício individual e social. Podemos somar a estes um outro: Locke. Na sua obra *Segundo Tratado do Governo Civil*, a propriedade está relacionada com a ação sobre a natureza. Os industriais e racionais “podem apropriar-se e consumir a natureza. (É para isso, literalmente, que serve a natureza). Mas não têm nenhum direito a desperdiçar qualquer parte dela. ‘Nada foi feito por Deus para que o Homem desperdice ou destrua’ (II 31).”<sup>17</sup> “As ciências modernas lêem a natureza como interesses antropocêntricos (...) Os símbolos reais da natureza, antes chamados de *signatura rerum*, hoje entendidos e elaborados como informações, são interpretados antropocentricamente.”<sup>18</sup>

Jojo M. Fung prefere o que chama uma hermenêutica androcêntrica livre, e propõe uma possível metáfora para que “kabash” e “radu” sejam convenientes ao contexto atual. O domínio estaria em referência ao domínio de Deus sobre a criação, que não pode ser uma dominação de injusta exploração da terra e de suas fontes, mas que leve em consideração a sustentabilidade da terra e as futuras gerações. O contexto do Hino da Criação era diferente, mas a proposta bíblica continua no atual contexto de crise ecológica.<sup>19</sup>

Segundo João Paulo II: “O domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade de “usar e abusar”, ou de dispor das coisas como melhor agrade. A limitação imposta pelo mesmo Criador, desde o princípio, e expressa simbolicamente com a proibição de “comer o fruto da árvore” (Gn2,16-17), mostra com suficiente clareza que, nas relações com a natureza visível, nós estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem impunemente ser transgredidas.”<sup>20</sup> (SRS 34). Na opinião de Moser, também a criação de Deus não pode ser explorada de qualquer modo, porque existem limites que foram estabelecidos pelo Criador.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> John DUNN. *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003

<sup>18</sup> Jürgen MOLTMANN. Ressurreição da natureza. Um capítulo da cristologia cósmica. **Concilium**, Petrópolis, v. 318, n. 5, 676-684, aqui 682, 2005.

<sup>19</sup> Jojo M. FUNG. *op. cit.*

<sup>20</sup> JOÃO PAULO II. Carta Enc. *Sollicitudo Rei Socialis* (30.12.1987), AAS 80 (1988) 513-586, aqui 34.

<sup>21</sup> MOSER. *op. cit.*, 269.

Fica difícil, apesar das indicações ao contrário, o uso da palavra “domínio”, particularmente num contexto de América Latina, a qual passou por um processo colonial que explorou, dominou e sujeitou índios e negros, submetendo-os aos interesses econômicos.<sup>22</sup>

### **A teologia da criação como fundamento de uma ética do ambiente**

Podemos perceber a importância da teologia da criação, da qual faz parte o texto sacerdotal ao lado do javista. Percebemos que a teologia da libertação tem na história<sup>23</sup> um elemento de destaque, como um passo a mais na compreensão da manifestação divina, encontrada anteriormente apenas nas indicações da natureza. A relação do divino, como forma panenteísta, poderia ser considerada apenas um primeiro momento rudimentar de expressão religiosa, mas os fatos hoje indicam como essa visão não era necessariamente rudimentar, mas a cosmovisão que deveria ser como uma base para a própria história da libertação. Se a libertação é um grande *insight* do humano, essa mesma precisaria de um espaço para acontecer, de um palco para se realizar. E sem este espaço, a libertação não tem onde sustentar-se. Para viabilizar a libertação, identificamos que muitas destas lutas estão relacionadas com as fontes da natureza, quer de energia ou outras quaisquer.

A teologia da libertação, por parte de alguns setores, considera quase como um perigo um olhar sobre a questão ecológica. Parecia uma fuga das responsabilidades para com os mais pobres e as bandeiras de políticas de transformações sociais. Mas em vez de ficar relacionando tantos argumentos, recordamos as palavras do Cristo diante das controvérsias com os judeus sobre o divórcio: a autoridade da Criação é maior que a autoridade de Moisés (Mc 10,6-9).<sup>24</sup>

Ao lado de a desconsideração do problema ecológico ser uma fuga do problema principal que é a justiça distributiva para com os mais pobres, temos a consideração de Von Rad, que a criação era como um

---

<sup>22</sup> Tereza Maria Pompéia CAVALCANTI. *Aproximação aos excluídos: uma tarefa interdisciplinar que desafia a teologia*. Em: M. C. FREITAS (ORG.). *Teologia e Sociedade. Relevância e funções*. Soter- Paulinas: São Paulo, 2006, 383-398, aqui 391.

<sup>23</sup> Moltmann considera que o elemento da história na modernidade é considerado como distinto da natureza, um é o reino da liberdade, o outro da necessidade. O espírito foi entendido como não tendo natureza e a natureza como não tendo espírito, marginalizando a questão do corpo (Cfr. MOLTSMANN. *op. cit.*, 676). Vale lembrar que o elemento história não é apenas um *insight* da modernidade, mas já se manifesta na leitura da salvação.

<sup>24</sup> C. M. TILLESSE. *op. cit.*, 13.

apêndice da história da redenção.<sup>25</sup> Ao contrário de Von Rad, diria: a teologia da libertação, apesar de encontrar na quantidade de textos maior importância do que a teologia da criação, o seu local no conjunto do texto, vindo em primeiro lugar, supõe que ela é a base de tudo, o alicerce, a pedra.

Um pouco para polemizar, a teologia da criação tem mais autoridade que a teologia da libertação e, por isso, não é a teologia da criação que deve reclamar espaço na teologia da libertação, mas a teologia da libertação é que deve encontrar o seu devido lugar em relação à teologia da criação. A crise ecológica indica um momento teológico novo que recoloca a devida importância da teologia da criação, que ficou por longo tempo deixada em segundo plano.<sup>26</sup>

## **Conclusão**

A crítica de Lynn White Jr. tem sua base e nos ajuda a pensar, mas a palavra “domínio” de uma forma mais aprofundada não significa simplesmente um abuso para com a utilização das fontes naturais; implica também em domínio dos outros povos e pode indicar também um domínio sem tirania.

Mantemos reservas sobre a condenação da proposta ambiental cristã simplesmente a partir da palavra “domínio” e da compreensão de uma visão antropocêntrica a partir do texto P. Ao mesmo tempo, o texto P possui uma riqueza sobre a questão ambiental, que extrapola apenas a análise desta palavra, como por exemplo o repouso sabático, e conseqüentemente o Ano Jubilar, momento no qual a terra merecia especial atenção. O domínio pode ser levado em consideração ao domínio de Deus e em relação com o texto seguinte da criação na narração javista, quando indica ao homem o cuidado do jardim do paraíso.

Consideramos que não é de todo errado utilizar a palavra “domínio” porque segundo o texto ela pode ser sem tirania e sem crueldade. Como, entretanto, a palavra é bastante problemática, pela forma relacionada com a escravidão de outros povos (tanto nos textos bíblicos como na nossa história dos países do Grande Sul), e pela questão da degradação ambiental, poderíamos dizer que seria melhor ser evitada na teologia, e assumir mais a palavra “cuidado”, segundo o texto javista.

---

<sup>25</sup> K. GOLSER. *op. cit.*, 185.

<sup>26</sup> Leonardo BOFF. *op. cit.*, 47-49.

Não vimos do acaso, somos criados por um ato de amor e no respeito para com Deus; precisamos continuar o cuidado amoroso para com o mundo criado, do qual fazemos parte, assim como farão as futuras gerações.

## **Bibliografia**

- GARAY, Irene – BECKER, Bertha K. *Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BRIEND, J. *Uma leitura do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BRUEGGEMANN, Walter – WOLF, Hans Walter. *O Dinamismo das tradições do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- GOLSER, K. *Fondazione dell'etica dell'ambiente*. *Medicina e Morale*, Roma, anno LX, n.1, p. 179-200, Gennaio/Febrario 2005.
- KERBER, Guilherme. *O Ecológico e a Teologia Latino Americana*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LOHFINK, Norbert. *Il Dio della Bibbia e la violenza*. Brescia: Morcelliana.
- LORETZ, Oswald. *Criação e Mito*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MOSER, Antônio. *Biotecnologia e Bioética*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MÜLLER, Ivo (org.). *Perspectivas para uma nova teologia da criação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus*. Valência - São Paulo: Siquem - Paulinas, 2003.
- TILESE, Caetano Minette. *Hino da Criação*. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, Ano 1/n. 1, 5-39, 1984.
- FUNG, Jojo M.. *Dominion of co-creators*. *East Asian Pastoral Review*, vol 37, n. 4, 2000, URL: <http://eapi.admu.edu.ph/eapr00/jojo.htm>.

*\*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira*  
Doutor em Teologia pela Academia Alfonsiana/Roma,  
Professor do ITEP.